

ESTUDOS URBANOS E SEMIOLOGIA

Sonia Gomes Pereira
Escola de Belas Artes - UFRJ

ABSTRACT

The recent studies of the urban history of Rio de Janeiro have been marked by two main characteristics: they have concentrated on the period between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century (a very important period to the city and to the country, involved in an intense process of modernization) and have been analysed under a Marxist point of view (especially the theories of Engels, that, despite their importance to the comprehension of the whole modification of capitalist society, have a tendency to reduce the importance of **space** among the social forces).

The aim of this article is to investigate other possibilities of working with **space**, look-

ing for other theories that could provide a richer and more complex approach. So, after examining some general premisses of Semiology, this article focusses on some different positions - Greimas' and Barthes' - trying to check in which manner they could be useful to the urban historiography of Rio de Janeiro.

A partir da década de 70 desenvolveu-se de forma acentuada o interesse pelos estudos urbanos, geralmente concentrados em temáticas regionais. Surgiu, assim, no Rio de Janeiro, uma extensa bibliografia, quase toda decorrente de trabalhos acadêmicos - dissertações, teses, projetos de pesquisa - realizados nas principais universidades locais - UFRJ, UFF, PUC/RIO ⁽¹⁾.

1 - Entre outros, BENCHIMOL, Jaime *Pereira Passos, um Haussmann tropical: as transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro; COPPE/UFRJ, 1982. Dissertação de mestrado, Publicada pela Secretaria Municipal de Cultura/RJ, 1991; CARVALHO, Lia de Aquino. *Contribuições ao estudo das habitações populares; Rio de Janeiro - 1886/1906*.

Niterói: ICFH/UFF, 1980. Dissertação de Mestrado. Publicada pela Secretaria Municipal de Cultura/RJ, 1986; ROCHA, Oswaldo Porto. *A era das demolições: a cidade do Rio de Janeiro - 1870/1920*. Niterói: ICFH/UFF, 1983. Publicada pela Secretaria Municipal de Cultura/RJ, 1986; BRENNNA, Giovanna Rosso Del. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos*. Rio de Janeiro: PUC, 1985.

A maioria destes trabalhos volta-se para a passagem do século XIX para o século XX, certamente um momento crucial, não apenas pela mudança física da cidade - transfigurada radicalmente por intervenções modernizadoras, que culminam na extensa reforma urbana realizada pelo prefeito Pereira Passos (1902/1906) - mas sobretudo pela profunda transformação do país, na passagem do Império para a República, na mudança de uma política liberal para um modelo de Estado centralizador e especialmente na adaptação do Brasil a um capitalismo internacional mais avançado, não apenas como exportador de produtos agrícolas e de matérias-primas, mas também como importador de produtos industrializados e de equipamentos e serviços ligados a todo um sistema de modernização.

Quase todos esses trabalhos possuem ainda uma característica em comum: decorrem de pesquisas bastante criteriosas sobre extensas fontes primárias, especialmente no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, divulgando e analisando uma documentação indispensável a pesquisadores da história desta cidade.

No entanto, a maior parte destes trabalhos apresenta, na minha opinião, uma limitação: fazem uma leitura da mudança da cidade sob a ótica de um marxismo reductor, apoiando-se teoricamente sobretudo nas idéias de Friedrich Engels (1975a, 1975b, 1975c e 1979). Tendem a reduzir todo esse processo de mudança a um conflito maniqueísta: de um lado, o grande capital, articulado a uma elite local, em que especialmente os técnicos - médicos sanitaristas e

engenheiros - desempenham um papel primordial na construção de um discurso supostamente científico, apenas para encobrir a estratégia de implantação da cultura burguesa; e de outro lado, a grande massa da população carioca, praticamente inerte, passiva e submissa.

Provavelmente a raiz deste problema esteja no fato de que, apesar de grande parte dos estudos urbanos produzidos desde o século passado ter sido marcada pelas idéias de Marx e Engels, a própria teoria marxista, na sua feição mais ortodoxa, desqualifica o espaço entre as forças relevantes em jogo nas relações sociais. As formas espaciais são tomadas como pouco mais do que simples receptáculos dos processos econômicos e políticos. Acaba-se, desta maneira, caindo na armadilha ideológica de equiparar a análise urbana a investigações econômicas detalhadas, compondo quadros simplificados em que, de um lado, está a articulação do sistema social e, do outro, a organização do espaço.

Mas o objetivo deste artigo não é analisar as características das abordagens marxistas em relação aos problemas espaciais - tema já explorado em outra ocasião (cf. Pereira, no prelo). A finalidade aqui é verificar outras possibilidades de se trabalhar com a categoria espaço, procurando outros modelos teóricos que possibilitem uma leitura mais rica e mais abrangente, que possa dar conta da complexidade do universo de significação das formas espaciais, em especial o espaço urbano.

Acredito, assim, que seja convenientemente começar examinando os pressupostos

gerais da ciência voltada especificamente para os fenômenos da significação - a Semiologia - para depois analisar posturas diversas de alguns semiólogos em relação aos estudos espaciais e finalmente tentar verificar de que maneira estas teorias podem ser úteis a novas abordagens nos estudos urbanos - em especial à história urbana do Rio de Janeiro.

A Semiótica Geral visa elaborar uma teoria da significação que possa dar conta de todas as linguagens. Assim o espaço, sendo um objeto constituído pelo homem transformando o mundo e se transformando a si próprio, poderá ser legitimamente tomado pelo semiólogo. Há, no entanto, uma série de questões a serem levantadas para precisar melhor a metodologia e os objetivos dessa abordagem semiológica dos estudos espaciais.

Segundo Greimas (1979), o primeiro objetivo do estudo das linguagens espaciais deve ser exatamente precisar o estatuto e a estrutura dos objetos topológicos, segundo as suas dimensões correlatas: significante espacial e significado cultural. Designa-se, assim, com o nome de Semiótica Topológica a descrição, a produção e a interpretação das linguagens espaciais. No entanto, é preciso tentar saber como e por onde começar a exploração deste campo tão promissor, mas também tão vasto e tão complexo. Tudo se passa como se a Semiótica Topológica fosse dupla, isto é, como se seu projeto pudesse ser definido ao mesmo tempo como a inscrição da sociedade no espaço e também como a leitura desta sociedade através do espaço. Estas

duas dimensões - o significante espacial e o significado cultural - parecem constitutivas desta Semiótica e, apesar de suscetíveis de serem tratadas de maneira autônoma, é justamente a sua correlação que permite a construção dos objetos topológicos.

É através do significante espacial que podemos ler uma infinidade de significações se apresentando sob a forma de figuras. Desta forma, aparece um inventário de lexemas - floresta, prado, caminho, casa, por exemplo - assim como as categorias espaciais - alto x baixo, direito x esquerdo, entre outras. Mas os conteúdos manipulados por estes lexemas e por estas categorias transbordam largamente o campo da Semiótica Topológica.

Se o significado espacial aparece como uma verdadeira linguagem, é para significar a presença do homem no mundo, sua atividade informadora e transformadora. Todo comportamento humano é duplamente significante: primeiro, para o sujeito deste fazer e, depois, para o espectador deste fazer. Todas as práticas sociais trazem nelas a significação como projeto e como resultado. Desta forma, toda transformação do espaço pode ser lida como significante. O significado imediato, presente no próprio processo de transformação do espaço, destaca-se de seu significante, recebe novas articulações e se transforma em discurso autônomo. Este discurso pode utilizar a linguagem espacial como significante, por exemplo quando um urbanista constrói sua nova cidade, mas pode também ultrapassar esse significante e utilizar outras linguagens de manifestação, como a pictórica ou

a cinematográfica, para pensar a significação do espaço humano. O lugar das ideologias e das mitologias se encontra então instaurado - mitos de origem e destinação da cidade, seus diversos diagnósticos e terapêuticas. Assim, a partir de uma linguagem de ação que informa o espaço e lhe confere sentido, desenvolvem-se dois discursos autônomos, cuja correlação é necessária para a constituição de uma Semiótica Topológica.

Formalmente a primeira definição do objeto topológico é negativa: para se considerar um dado espaço, opõe-se a ele um anti-espaço. Mas é preciso também reconhecer o fenômeno da focalização, isto é, a identificação do sujeito da enunciação com o espaço enunciado e, do ponto de observação, distinguir o lugar da enunciação do lugar enunciado. O lugar tópico é ao mesmo tempo o lugar de que se fala e no interior do qual se fala.

Para se constituir, a Semiótica Topológica tem necessidade de uma reflexão sobre o estatuto e a estrutura dos objetos topológicos em geral. Assim, para Greimas, as inúmeras semióticas particulares, tratando de diferentes classes de objetos topológicos, devem se subordinar a um projeto semiótico unitário - única garantia de um processo comparativo posterior. Tudo deve começar pelo registro das invariáveis, reconhecíveis tanto no plano sintagmático, como os fenômenos recorrentes, quanto no plano paradigmático, pela identificação de fenômenos comparáveis em dois objetos paralelos. Trata-se, evidentemente, de um exemplo de extrapolação metodológica,

de empréstimo à Lingüística, de que alguns autores desconfiam, mas que Greimas acredita ser próprio à epistemologia geral das ciências.

É necessário, portanto, elaborar uma conceituação metodológica comum para que se possa chegar a uma Semiótica Topológica Geral. Então, será possível precisar os limites de seu projeto, que, por enquanto, ora parece muito vasto - se tomada a totalidade dos comportamentos humanos transformadores do espaço - ora parece muito restrito - se tomados apenas os códigos de sinalização do espaço.

Os objetos topológicos chamados cidades apontam para uma semiótica particular que pode ser chamada Semiótica Urbana. A cidade é um objeto complexo e polissêmico, que não é imediatamente apreensível, sendo sua leitura concebida como uma desarticulação do todo em suas partes constitutivas. No entanto, o esforço de decompor a cidade numa infinidade de objetos que preenchem seu espaço não resolve, porque estes objetos parciais parecem também complexos e polissêmicos. Um objeto sozinho não é objeto de apreensão semiótica e um conjunto topológico não é constituído de objetos, mas de suas propriedades comuns. Assim, na opinião de Greimas, a Semiótica Urbana não deve se ocupar com objetos particulares, mas somente com classes de objetos topológicos, pois não pode haver uma gramática para cada enunciado e cada discurso. Dessa forma, não se deve confundir a Semiótica Urbana com o estudo de cidades particulares.

Para Greimas houve uma revolução epistemológica com a substituição de uma morfologia socio-semiótica por uma sintaxe discursiva. A Sociolingüística estabeleceu uma classificação de linguagens sociais, trabalhando as categorias sagrado x profano, privado x público, externo x interno, superior x inferior, masculino x feminino, que parecem operacionais para estabelecer uma tipologia de edifícios no interior de uma cidade pre-industrial. Trata-se de uma morfologia social estática que procurava se manifestar por todas as linguagens ou que era erigida em significação graças a estas linguagens. Com o advento das sociedades mercantis e industriais, as morfologias sociais estáveis foram progressivamente substituídas pela dinâmica dos agrupamentos sociais móveis. As taxinomias, manifestadas espacialmente ou lingüisticamente e apreendidas como sistemas de significação, são substituídas por sintaxes sócio-semióticas, desenvolvendo-se em discursos particulares falados e executados nos sistemas de comunicação. A cidade, que se pensava e se significava por ela mesma, é agora pensada como um objeto. A cidade, que se construía, é construída por uma instância individuada, distinta dela mesma. Dois tipos de utopias surgem: a cidade pensada como uma cidade doente e a concepção do espaço que a recobre e que significa como um espaço negativo. Acima das transformações diacrônicas próprias de todo o sistema semiótico, um meta-discurso contestatório se instala para colocar em questão o espaço humano estabelecido, um discurso que

nega o espaço como significante de uma significado social: tratando-se de Thomas Morus ou de Le Corbusier, a finalidade do projeto meta-semiótico é sempre o mesmo.

A mudança na concepção mítica da cidade é bastante visível: pensada antigamente como um objeto eufórico, do qual só a origem e a distinção faziam problema, a cidade hoje, em termos de mitologia profana, articula-se sobre um axis geral de euforia x disforia, em um discurso sobre o belo, o bem e o verdadeiro.

Para Greimas, esta tríade sociológica serve de ponto de partida para o estabelecimento das principais isotopias da leitura da nova cidade. Articulados em valores positivos e negativos seguindo a categoria euforia x disforia, os três sistemas - estético (beleza e feiura), político (saúde social e moral) e racional (eficácia de funcionamento, economia de comportamentos, entre outros) - produzem sobre o plano sintagmático três isotopias distintiva.

Uma nova categoria se incorpora para complicar esta leitura pluriplana da cidade moderna: a oposição, relativamente recente, de dois conceitos - sociedade x indivíduo. A cidade arcaica é a expressão espacial de sua organização social: o conceito de comunidade é coextensivo do espaço explorado. Não é mais assim nas nossas cidades modernas, onde a oposição sociedade x indivíduo cessa de ser isomórfica da antiga categoria morfo-semiótica de público x privado e manifesta-se preferencialmente pela oposição dos lugares em públicos e privados segundo o cri-

tério de sua ocupação, por uma tipologia de espaços correspondendo aos comportamentos: lugares de trabalho, lazer, habitação.

Indivíduo e sociedade, universo individual e universo cultural parecem conceitos coextensivos, suscetíveis dos mesmos investimentos semânticos. Assim como na definição do espaço tópico a partir da oposição aqui x lá, só o ponto de vista, isto é, a co-ocorrência do lugar do enunciado e do lugar de enunciação, decidirá o tipo de discurso que se fará da cidade - esta podendo ser considerada tanto cultura urbana quanto um estilo de vida do cidadão.

Desta forma, Greimas chega a duas categorias semânticas - sociedade x indivíduo e euforia x disforia - e a três isotopias axiológicas - estética, política e racional. Pode-se então compor uma grade de leitura e montar um inventário de elementos combinatórios na produção de uma cidade, dando uma idéia da maneira como poderia ser construído um modelo ideológico da cidade, modelo gerador de múltiplas mitologias modernas, mas também produtor de objetos topológicos que dizem respeito à Semiótica Urbana. Este modelo de leitura da cidade é uma estrutura abstrata e profunda, a partir da qual podem ser geradas formas canônicas.

Estando o modelo situado no nível das estruturas profundas, as categorias que o constituem são categorias formais, quer dizer, suscetíveis ao mesmo tempo de investimentos semânticos variáveis de um contexto cultural a outro e de sub-articulação de conteúdos, dando lugar à aparição de ver-

dadeiros micro-universos axiológicos. As diferenças culturais se manifestam em todos os níveis e por todos os canais.

A cidade é, portanto, um objeto topológico muito complexo e, entre os diferentes enfoques possíveis para a sua análise, Greimas acredita que a escolha da estrutura da comunicação parece ser um dos mais rentáveis. Na estrutura elementar, constituída de um remetente-produtor e de um destinatário-leitor, pode-se inscrever a cidade como um objeto-mensagem que se quer decifrar, seja imaginando os procedimentos anteriores à mensagem e que levaram à produção do objeto-cidade, seja parafraseando o processo do leitor que procura decodificar a mensagem com todos os seus subentendidos e todas as suas pressuposições. A cidade poderá, assim, ser considerada como um texto, do qual se constituirá uma gramática.

Este texto, longe de tomar as aparências das superfícies e dos volumes representados por plantas e maquetes, deve ser imaginado como um aglomerado de seres e de coisas, entre as quais o semiótico procurará reconhecer as relações que permitem construir um meta-texto, tendo a forma de inventários e de enunciados, nos quais os usuários da cidade seriam os sujeitos e as coisas, os objetos gramaticais. Desta maneira, pode-se chegar ao estabelecimento de listas de enunciados canônicos e seus investimentos semânticos.

Na opinião de Greimas, chega-se à construção de uma gramática textual da cidade, tomada desde o início como enunciado global. Sendo o texto-cidade mani-

festado na linguagem espacial, que permite a leitura do mundo das qualidades sensíveis, os objetos e os sujeitos deste texto interessam somente pelas suas propriedades sensíveis: visuais, sonoras, térmicas, olfativas. O próprio espaço só é concebido como o conceito totalizando todas estas qualidades e o usuário pode ser definido como o intérprete do espaço urbano.

Este enfoque permite juntar, enquanto recepção sensorial, a categoria euforia x disforia, que pode ser aplicada à cidade como totalidade, e também ao indivíduo, que pode estar em relação eufórica ou disfórica com o espaço urbano. Os termos vagos - como viver, sentir, perceber - reduzem-se a esta relação do sujeito com o espaço, a este uso do espaço - consciente ou inconsciente, pensado ou vivido - mas significativa.

É verdade que o enfoque gramatical apresenta como inconveniente a dificuldade de dar uma imagem clara e uma representação meta-textual satisfatória da composição coletiva da cidade. Mas, para Greimas, o enfoque gramatical possui inúmeras vantagens. A principal delas é provavelmente a integração dos sujeitos humanos no texto da cidade, fornecendo uma interpretação semiótica do usuário da cidade, permitindo dinamizar nossa representação de cidade, concebendo-a como um conjunto de inter-relações e interações entre sujeitos e objetos. Coloca-se, desta maneira, com clareza o objeto da Semiótica Urbana. Recusando as posições tradicionais, segundo as quais a cidade é uma coisa, um comple-

xo de objetos vivido e percebido pelos homens, este enfoque instaura uma concepção da cidade-texto feita de homens e de coisas, de suas relações e interações.

Para Greimas, a visão semiótica da cidade é antes de tudo um modelo formal que instaura as instâncias de produção e de leitura como lugares vazios. Assim, a Semiótica Urbana não tem como tarefa descrever cidades reais, nem seus produtores, mas os objetos canônicos e os atuantes sintáticos.

Investigações sociológicas permitindo uma análise contextual do ator-produtor são necessárias, desde que elas sejam submetidas ao relativismo sócio-cultural. O urbanista é um dos atores do coletivo atuante complexo, cuja análise faz aparecer os componentes econômicos e políticos, mais poderosos do que o arquiteto-urbanista. A estrutura do coletivo atuante é feita da composição de várias instâncias do poder, do querer e do saber e comporta também um investimento de conteúdo ideológico. O processo pelo qual as diferentes vontades particulares constitutivas formam o amálgama de valores, às vezes contraditórios, dando lugar à aparição do modelo ideológico da cidade a construir, que não corresponde senão de longe ao que pensa e sobretudo ao que faz o arquiteto. O estudo deste processo permitiria descrever os mecanismos decisivos que levam à construção das cidades - em geral conhecem-se as finalidades políticas do urbanismo, mas seria preciso situar também os problemas estéticos - imposições do arquiteto, pressão dos atores e

também a auto-censura que exerce este modelo imaginário de leitura que é o gosto do usuário.

Greimas afirma que as dificuldades metodológicas aumentam quando se deixa o ponto de vista do remetente pelo do destinatário: leitor, usuário, consumidor são termos que indicam atitudes ideológicas diferentes, revelando constante utilização metafórica ou analógica. Mesmo a concepção semiótica da cidade como objeto-mensagem não é isenta de ambigüidades: de fato, receber mensagens espaciais não é somente percebê-las, mas sim o que se chama vagamente de "viver" a cidade, reagindo de maneira significativa a todas as estimulações espaciais. Viver na cidade significa para o indivíduo ser o lugar para o qual convergem todas as mensagens espaciais, mas também reagir a estas mensagens, engajando-se dinamicamente nos múltiplos programas e mecanismos que o solicitam e o controlam. É, portanto, elaborando um modelo de vida, uma representação semântica do que se entende por estilo de vida cidadão, que se pode compreender, pelo menos parcialmente, a estrutura de conteúdo do destinatário.

Mas o conceito de estilo de vida não esposa todas as significações possíveis da cidade; a totalidade do vivido imediato é a todo momento ultrapassada pelas construções do imaginário que o homem projeta para fora dele - um referente imaginário global. Quando se representa um cidadão como um *promeneur* estocando vistas parciais da cidade, como um usuário provan-

do as comodidades ou o desconforto que ela lhe oferece, ou como um ser social engajado nas diferentes atividades que constituem sua vida, uma imagem global da cidade ausente se forma nele, imagem aceita como o lugar da sua inscrição espacial. Pouco importa o estatuto fisiológico ou psicológico que se atribua a tais representações dos objetos topológicos: a existência da cidade como referente imaginário global não pode ser colocado em dúvida.

Este referente global se encontra evidentemente consolidado por transposições metasemióticas de todas as espécies: mapas, cartões postais, vistas panorâmicas, sem falar dos incontáveis discursos sobre a cidade. Serve de pretexto a diversas mitologias urbanas, como Paris - Cidade Luz. Toda uma arquitetura de significações se erige, assim, sobre o espaço urbano, determinando sua aceitação ou sua recusa, a felicidade e a beleza de sua vida urbana ou sua miséria insuportável.

É falso, portanto, representar o destinatário da cidade como um leitor ingênuo, como uma espécie de tábula rasa, sobre o qual o remetente inscreveria os seus hieróglifos espaciais. Ao contrário, ele aparece como uma estrutura de acolhida possuindo um código de deciframento de mensagens completo, mas que não é necessariamente idêntico ao código do remetente que serviu à produção das mensagens.

O pensamento de Greimas, portanto, oferece a vantagem de inserir a problemática do espaço, e mais especificamente o espaço urbano, num universo muito mais

complexo de significação, apontando para a extrema ambigüidade das relações entre remetente e destinatário, incorporando as instâncias da realidade e do imaginário.

Há, no entanto, alguns problemas, que acabam limitando as possibilidades de sua teoria. Fixando os objetivos da Semiótica Topológica como a descrição, a produção e a interpretação das linguagens espaciais, e enfatizando a necessidade de uma reflexão sobre o estatuto e a estrutura de objetos topológicos em geral, Greimas reafirma a sua posição estruturalista, ciosa em preservar a herança de Saussure e de Hjelmslev. Assim, apesar de ressaltar o relativismo sociológico no qual esses objetos topológicos estão necessariamente mergulhados, Greimas reivindica a existência de um modelo geral que dê conta da totalidade dos objetos topológicos possíveis. E, mais ainda, aponta para a necessidade das semióticas particulares se subordinarem a um projeto semiótico unitário, alicerçado naturalmente na metodologia emprestada pela Lingüística.

Além disso, ao se referir mais especificamente às cidades, Greimas manterá a mesma posição estruturalista: para ele a Semiótica Urbana não se ocupa de cidades reais e particulares, e sim com cidades canônicas, voltada para o registro das invariáveis, reconhecíveis tanto no plano sintagmático quanto paradigmático. Perspassa,

assim, toda a argumentação de Greimas esta tendência abstratizante.

A necessidade de conceituação do campo de conhecimento e de sua metodologia parece ser mesmo a preocupação dominante entre os semiólogos voltados para as questões espaciais. O que aliás é bastante justificável numa disciplina relativamente recente, ainda em fase de estruturação. Este fato é facilmente reconhecível, por exemplo, ao longo das comunicações e debates do *Symposium international sur espace et sémiotique: du bâtiment à la ville et la région*, na Ilha de Andros na Grécia, de 29/8 a 1/9/85⁽²⁾, ou ainda no Colóquio *Espace et Représentation*, em Albi, de 20 a 24/7/81⁽³⁾, ou também no Colóquio *Sémiotique de l'espace*, em Paris em 1973⁽⁴⁾. Nestes encontros, muitos especialistas alinham-se à postura estruturalista de Greimas, professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales e diretor do Groupe de Recherches Semio-Linguistiques, referência obrigatória em quase todas as comunicações. Alguns partem para uma aplicação prática da Semiótica Espacial, como Mark Gottdiener, da Universidade da Califórnia, em "The signs of growth: a socio-semiotic analysis of new residential construction"⁽⁵⁾, ou James S. Duncan, Shelagh Lindsey e Robert Buchan da Universidade de British Columbia, em Vancouver, com "Decoding

2 - Symposium international sur espace et sémiotique: du bâtiment à la ville et la région, na Ilha de Andros, Grécia de 29/8 a 1/1/85. Publicado na revista *Espace et Sociétés*, nº 47, Paris, 1985.

3 - Colóquio *Espace et Représentation*, em Albi, de 20 a 24/7/81. Publicado em *Espace & Représentation*. 2ª ed. Paris, La Villette, 1989.

4 - Colóquio *Sémiotique de l'espace*, em Paris em 1973. Publicado em *Sémiotique de l'espace*. Revista *Communications* nº 27, Paris, 1977.

5 - GOTTDIENER, Mark. "The signs of growth: a socio-semiotic analysis of new residential construction". In *Espaces et sociétés*, nº 47, 1985, p. 57 - 77.

a residence: artifacts, social codes and the construction of the self" (6), ou Manar Hammad, Sylvia Arango, Éric de Kuyper e Émile Poppe em "L'espace du séminaire", analisando o espaço do seminário semanal do Professor Greimas na École des Hautes Études en Sciences Sociales (7).

É interessante confrontar a posição de Greimas e seus seguidores com a de Roland Barthes (1970/1971) em "Sémiologie et Urbanisme". Barthes começa constatando que o espaço humano em geral, e não apenas o espaço urbano, sempre foi significativo - e aqui se poderiam dar vários exemplos, ou da antiga cidade grega ou da aldeia Bororo descrita por Levi-Strauss.

No entanto, os urbanistas, em suas elaborações teóricas, dedicaram um lugar muito reduzido aos problemas da significação. No entanto, vem-se assistindo a uma conscientização crescente das funções dos símbolos no espaço urbano. Descobre-se pouco a pouco que existe uma espécie de contradição entre a significação e outras ordens de fenômenos e que, conseqüentemente, a significação possui uma especificidade irreduzível. Certos urbanistas ou pesquisadores da planificação urbana são obrigados a constatar que, em alguns casos, existe um conflito entre a função e o conteúdo semântico de determinadas partes da cidade.

Há uma evidência cada vez maior de que uma cidade é um tecido formado, não por elementos iguais, dos quais se pode

inventariar as funções, mas de elementos fortes e de elementos neutros, ou então, como dizem os lingüistas, de elementos marcados e de elementos não marcados. Sabe-se que a oposição entre o signo e a ausência de signo, entre o grau pleno e o grau zero, constitui um dos grandes processos de elaboração da significação. Toda cidade possui, com toda evidência, como já observou Kevin Lynch (1960), um ritmo fundamental de significação, que é a oposição, a alternância e a justaposição de elementos marcados e de elementos não-marcados.

Muitas vezes existe um conflito entre a significação e a própria realidade, ou pelo menos esta realidade da geografia objetiva dos mapas: por exemplo, dois quarteirões podem se justapor, se nos fiarmos no mapa, quer dizer no real, na objetividade, mas, a partir do momento em que recebem duas significações diferentes, eles se cindem radicalmente na imagem da cidade. A significação é vivida em oposição completa aos dados objetivos.

Ressaltando, portanto, a positividade que o interesse pelos problemas semânticos pode trazer aos estudos urbanos, Barthes passa a tecer algumas observações sobre como deveriam nortear uma Sémiologia Urbana.

Em primeiro lugar, o simbolismo deve ser compreendido como um discurso geral concernente à significação, não sen-

6 - "Decoding a residence: artifacts, social codes and the construction of the self" In *Espaces et sociétés* n° 47, 1985, p. 29 - 43.

7 - HAMMAD, Manar, ARANGO, Sylvia, KUYPER, Éric de e POPPE, Émile. "L'espace du séminaire". In *Sémiotique de l'espace*, n° 27, Paris, 1977, p. 28 - 54.

do mais concebido, pelo menos em regra geral, como um correspondência regular entre significantes e significados. Esta noção de léxico como um conjunto de listas de significados e significantes correspondentes, que era fundamental na Semântica há alguns anos atrás, tornou-se caduca. Assim, para Barthes, seria uma iniciativa absurda querer elaborar um léxico de significações da cidade, colocando de um lado os lugares e as funções e de outro as significações, ou sobretudo colocando de um lado os lugares enunciados como significantes e de outro as funções enunciadas como significados. Os significados são, como os seres míticos, de uma extrema imprecisão, tornando-se sempre, num certo momento, os significantes de uma outra coisa. Os significados passam, mas os significantes permanecem.

Em segundo lugar, o simbolismo deve ser definido essencialmente como o mundo dos significantes, das correlações, que não se podem jamais fechar numa significação plena e última. Mesmo neste setor, o melhor modelo para o estudo semântico da cidade será fornecido, na opinião de Barthes, pelo menos no começo, pela frase do discurso. Reencontra-se aqui a velha intuição de Victor Hugo, que concebia o monumento e a cidade verdadeiramente como uma escritura, como uma inscrição do homem no espaço, apontando inclusive a rivalidade entre os dois modos de escritura - a escritura pela pedra e a escritura sobre papel. O usuário que se desloca na cidade é uma espécie de leitor que, segundo seus deslocamentos, levanta antecipadamente

os fragmentos do enunciado para os atualizar secretamente.

Em terceiro lugar, a Semiologia atualmente não propõe jamais a existência de um significado definitivo. Estamos sempre diante de cadeias de metáforas infinitas, cujo significado está sempre num processo contínuo de mudança. Se aplicarmos estas idéias à cidade, seremos sem dúvida levados a entender uma dimensão que Barthes afirma nunca ter visto nos estudos e pesquisas de Urbanismo - a dimensão erótica. A palavra erotismo é aqui utilizada no seu sentido mais largo. Seria irrisório reduzir o erotismo de uma cidade apenas ao quarteirão reservado a este gênero de prazeres, porque o conceito de lugar do prazer é uma das mistificações mais tenazes do funcionalismo urbano: é uma noção funcional e não uma noção semântica. A cidade, essencial e semanticamente, é o lugar do encontro com o outro e é por esta razão que o centro é o ponto de reunião de toda a cidade. O centro da cidade é vivido como o lugar de atividades sociais e quase de atividades eróticas no sentido largo do termo. Melhor ainda, o centro da cidade é sempre vivido como o espaço onde agem e se encontram forças subversivas, forças de ruptura, forças lúdicas. Ao contrário, tudo o que não é o centro é precisamente o que não é espaço lúdico, tudo o que não é alteridade: a família, a residência, a identidade.

Seria possível também explorar algumas imagens profundas dos elementos urbanos, como por exemplo, a função imaginária dos "passeios", assim como dos cursos d'água. Há uma relação entre o cami-

nho e a água. Sabemos bem que as cidades que oferecem mais resistência à significação e que freqüentemente apresentam dificuldades de adaptação para os habitantes são justamente as cidades privadas de água - cidades sem beira de mar, sem lago, sem rio: são cidades de pouca legibilidade.

Em quarto lugar, Barthes detém-se no problema da metodologia. Na sua opinião, para se empreender uma Semiologia Urbana - e aqui reside a maior diferença entre a sua postura e a de Greimas - o melhor enfoque, como para todo empreendimento semântico, será uma certa ingenuidade do leitor. Muitos usuários deveriam tentar decifrar a cidade, partindo, se necessário, de uma relação pessoal. Teríamos, assim, inúmeras leituras de diversas categorias de leitores, do sedentário ao estrangeiro. Só então se poderia desvendar a escritura da cidade: partindo destas leituras, desta reconstituição dos códigos da cidade, poder-se-ia chegar a meios de natureza mais científica, mas sempre lembrando que não se deve jamais procurar fixar e tornar rígidos os significados descobertos, porque historicamente estes significados são sempre extremamente imprecisos e indomáveis. Toda cidade é um pouco construída por nós à imagem do navio Argo, em que nenhuma peça era mais a original, mas que continuava sempre sendo o navio Argo - um conjunto de significações facilmente legíveis e identificáveis. Para Barthes, portanto, o mais importante não é tanto multiplicar pesquisas e estudos funcionais sobre a cidade, mas multiplicar as leituras da cidade - tarefa que praticamente só tem sido desempenhada

pela literatura.

Roland Barthes, portanto, também trabalha com a idéia de estrutura, mas há uma grande distância entre a sua posição e a de Greimas. Barthes se afasta de uma postura abstratizante, quando advoga para a Semiologia a tarefa de decifrar a linguagem da cidade em que se vive, a cidade real, comprometida com a história e entrelaçada à vida de seus usuários. Barthes repudia a ortodoxia de um modelo totalizado e acabado: afirma que a cidade é um discurso, mas afasta imediatamente a possibilidade de se chegar a estabelecer códigos rígidos de significados e significantes, constituindo léxicos definidos. A tarefa da Semiologia para ele é empreender leituras da cidade, a exemplo da literatura, tendo sempre como horizonte a impossibilidade de se aprisionar um código definitivo. E finalmente Barthes define a cidade como o lugar do outro, como o lugar do encontro. Longe de pensar o espaço como uma categoria passiva, simples repositório da superestrutura econômica/política/social, a cidade aqui é o lugar da interação, da criação incessante de situações novas, imprevistas e até mesmo incontroláveis.

Os estudos urbanos sobre o Rio de Janeiro teriam muito a ganhar, se incorporassem outras abordagens, que pudessem dar conta de sua diversidade cultural. O apoio da Semiologia - analisado neste artigo - seria uma dessas abordagens, mas não certamente a única, que pode ajudar a compreender fenômenos importantes, como a percepção da paisagem, a adaptação a mudanças na arquitetura, o uso dos

espaços públicos, a construção ou reconstrução de identidades (Pereira, 1992).

E, confirmando a opinião de Barthes, a recorrência à literatura tem aumentado nos últimos anos (Santos, 1983; Tati, 1991; Resende, 1993), provando que, muito melhor que estatísticas e relatórios, são os nossos escritores - Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, Lima Barreto, João do Rio - que nos fazem entender melhor esta cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. (1970/1971) *Semiologie et Urbanisme. Architecture d'aujourd'hui*, 153: 11-13.
- BENCHIMOL, Jaime. (1982) *Pereira Passos, um Haussmann tropical: as transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ. Dissertação de mestrado, Publicada pela Secretaria Municipal de Cultura/RJ, 1991.
- BRENNA, Giovanna Rosso Del. (1985) *O Rio de Janeiro de Pereira Passos*. Rio de Janeiro: PUC.
- CARVALHO, Lia de Aquino. (1980) *Contribuições ao estudo das habitações populares; Rio de Janeiro - 1886/1906*. Niterói: ICFH/UFF. Dissertação de Mestrado. Publicada pela Secretaria Municipal de Cultura/RJ, 1986;
- ENGELS, Friedrich. (1975a) *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra*. Porto: Apontamento.
- _____. (1975b) *Sobre o problema da habitação*. São Paulo: Alfa-Ômega.
- _____. (1975c) *Dialética da natureza*. Lisboa: Martins Fontes.
- _____. (1979) *A questão da habitação*. Belo Horizonte: Aldeia Global.
- Espace & Représentation*. (1989) 2ª ed. Paris: La Villette.
- Espace et Sociétés*, (1985) **47**.
- GREIMAS, Algirdas Julien. (1979) Pour une Sémiotique topologique. *Sémiotique de l'espace*. Paris: Denoël/Gonthier, p. 11 - 43.
- LYNCH, Kevin. (1960) *The image of the city*. Cambridge: M.I.T. Press.
- PEREIRA, Sonia Gomes. (no prelo) "Espaço - uma categoria a ser repensada nos estudos urbanos sobre o Rio de Janeiro". Revista Gávea, nº13, PUC-Rio.
- PEREIRA, Sonia Gomes. (1992) *A Reforma Pereira Passos e a construção da identidade carioca*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação/UFRJ.
- RESENDE, Beatriz. (1993) *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: UFRJ/UNICAMP, .
- ROCHA, Oswaldo Porto. (1983) *A era das demolições: a cidade do Rio de Janeiro - 1870/1920*. Niterói: ICFH/UFF. Publicada pela Secretaria Municipal de Cultura/RJ, 1986;
- SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. (1983) *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: RIOARTE, 2 vols.
- Sémiotique de l'espace. Communications* (1977) **27**.
- TÁTI, Miécio. (1991) *O mundo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura.